

## ESCOLHA A SAÚDE, NÃO O TABACO: O FUNCIONAMENTO DA BIOPOLÍTICA EM CAMPANHAS ANTITABAGISTAS

*Ana Dalete da Silva<sup>1</sup> e Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este artigo analisa os discursos sobre o tabagismo em campanhas promovidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com o intuito de refletir sobre o funcionamento de estratégias biopolíticas que concebem o tabagismo como uma problemática a ser enfrentada. Trata-se, pois, de dois cartazes, um produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o outro pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), na campanha alusiva ao dia Mundial Sem Tabaco, celebrado todos os anos no dia 31 de maio. Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa de natureza qualitativa. Concluiu-se que esses discursos regulam o que se pode ou não fazer, levando ao funcionamento de uma política da vida, de uma gama de modulações biopolíticas as quais interpelam os sujeitos na rede de relações e estratégias do biopoder.

Palavras chave: OMS. INCA. Nicotina

## CHOOSE HEALTH, NOT TOBACCO: THE OPERATION OF BIOPOLYTIC IN ANTITABAGIST CAMPAIGNS

### ABSTRACT

This article analyzes the discourses on smoking in campaigns promoted by the World Health Organization (WHO), in order to reflect on the functioning of biopolitical strategies that conceive smoking as a problem to be faced. These are two posters, one produced by the World Health Organization (WHO) and the other by the National Cancer Institute (INCA), in the campaign alluding to World No Tobacco Day, celebrated every year on May 31. Regarding the methodology, it is a descriptive-interpretative research of qualitative nature. It was concluded that these discourses what can and cannot be done, leading to the functioning of a politics of life, of a range of biopolitical modulations which challenge the subjects in the network of relationships and strategies of biopower.

Key words: OMS. INCA. Nicotine.

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [anadaletesilva@hotmail.com](mailto:anadaletesilva@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: [francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br)

## INTRODUÇÃO

O tabagismo, doença crônica ocasionada pela dependência à nicotina, tem se configurado um problema de saúde pública. Pensando nisso, nosso propósito nesse texto, consiste em analisar os discursos que enunciam acerca do tabagismo em campanhas promovidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018) e pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA). Para isso, é necessário refletir sobre o funcionamento das diversas estratégias biopolíticas que assentam as relações de saber-poder e projetam o tabagismo como um fator preocupante a ser enfrentado.

A considerável veiculação nas mídias e demais instâncias comunicativas das múltiplas campanhas promovidas pelos órgãos da saúde visam, sobretudo, conforme Romero e Silva (2011), sensibilizar e mobilizar os cidadãos acerca dos riscos provocados pelo tabaco, o que revela a necessidade de ações que incidem sobre os cuidados com a saúde e a qualidade de vida.

Nessa perspectiva, ancoramos as discussões ancoram-se nos construtos teóricos da Análise do Discurso, mediados pelas contribuições de Foucault (1999; 2005, 2013), Hardt e Negri (2002), entre outros. Como categorias analíticas, mobilizam-se as teorizações conceituais de Foucault em torno da compreensão do biopoder e da biopolítica nas dimensões das diversas estratégias circunscritas na complexa rede de relações de saber-poder que se instauram na atualidade, como uma maneira de gerenciar, disciplinar, regular e normalizar a população, conforme abordaremos nas duas materialidades selecionadas para compor as análises empreendidas.

Anualmente, inúmeras campanhas são lançadas com o intuito de alertar a população acerca dos malefícios ocasionados pelo tabaco,

bem como prevenir e combater o seu consumo (ROMERO; SILVA, 2011). A fumaça produzida pelo cigarro possui mais de 4.720 substâncias tóxicas e de acordo com o INCA (Instituto Nacional de Câncer), o cigarro se constitui como uma dos principais fatores de risco causadores de mais de 50 tipos de patologias, entre elas: doenças respiratórias, cardiovasculares, diversos tipos de cânceres, impotência sexual masculina, infertilidade feminina, entre outras. Das substâncias químicas nocivas encontradas no cigarro, o arsênico, a amônia, o monóxido de carbono e várias toxinas cancerígenas são encontrados em níveis elevadíssimos (INCA, 2018).

No Brasil, por exemplo, o tabagismo chega a vitimar 23 pessoas por hora, o que totaliza uma média que ultrapassa 200 mil pessoas por ano. A nível mundial, os dados totalizam 6,3 milhões de mortes atribuíveis ao tabagismo, segundo dados divulgados pelo INCA (2018). Os índices alarmantes divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2018, apontam que as taxas de mortes provocadas pelo tabagismo poderão chegar a 7,5 milhões de pessoas em 2020. Tais índices são preocupantes, uma vez que, no país, os gastos com assistência médica chegam a somatizar R\$ 39.394.369.233, o que representa 8,04% das despesas totais relativas aos custos destinados a saúde (INCA, 2018).

Dessa maneira, podem-se compreender os discursos veiculados nas campanhas de combate ao tabagismo, que circulam nas mais variadas esferas comunicativas, como elementos constituintes da complexa relação de saber-poder que gerenciam as estratégias biopolíticas da contemporaneidade. Uma vez que esses discursos circunscrevem as iniciativas de conscientização da população acerca do cuidado com a saúde dos fumantes, bem como sobre o *modus operandi*

através dos quais os governantes, membros da saúde e responsáveis podem interferir e gerir esse grupo populacional.

As materialidades discursivas que constituem o *corpus* das nossas análises encontram-se disponíveis no *site* do Instituto Nacional de Câncer (INCA) e discursivizam acerca dos danos ocasionados pelo tabaco. Trata-se, pois, de dois cartazes, um produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o outro pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), na campanha alusiva ao dia Mundial Sem Tabaco, celebrado todos os anos no dia 31 de maio.

O Dia Mundial Sem Tabaco é fruto de uma iniciativa idealizada pela OMS instaurada no ano de 1987 e tem como intuito mobilizar o mundo sobre a pandemia do tabagismo e os inúmeros riscos a ele atribuíveis, tais como diversas patologias que podem, inclusive, ocasionar a morte (INCA, 2019). A partir disso, de acordo com a referida instituição, a OMS, em parceria com todos os Estados-Membros promovem ações interventivas através de atividades e divulgações de materiais gráficos gratuitos que vislumbram o engajamento populacional na luta pelo efetivo controle do tabagismo, como uma maneira de fortalecer ações desenvolvidas, tanto a nível nacional como internacionalmente.

As campanhas desenvolvidas pela OMS, se configuram como um trabalho de grande alcance social, já que viabilizam conscientizar e mobilizar as pessoas fumantes e também não fumantes sobre a nocividade do consumo dos produtos derivados do tabaco. Além de impulsionar a adesão às políticas públicas vigentes, a partir da possibilidade de discussões que envolvem diferentes frentes, como: a sociedade, os profissionais de saúde, da educação, políticos e legisladores, entre outros.

## ANÁLISES

As análises recaíram sobre o cartaz da Organização Mundial da Saúde (OMS) relativo à campanha 2018 em alusão ao dia Mundial Sem Tabaco (Figura 1), que teve como tema: “Tabaco e Doenças Cardiovasculares”.



Figura 1. Cartaz da organização Mundial da Saúde, 2018.

Fonte: [www.inca.gov.br](http://www.inca.gov.br) . 2018.

No cartaz, a ilustração do órgão do corpo humano responsável pela promoção da vida é elucidada de maneira bastante provocativa. A simbologia envolta na fumaça que sai do coração, proveniente do uso do cigarro, evocam a “poluição” causada ao corpo do sujeito fumante, uma vez que o tabaco contém substâncias tóxicas que ocasionam a obstrução das artérias, dificultando a circulação do sangue o que pode levar

a morte. O destaque do enunciado verbal escrito em caixa alta: “O FUMO DESTRÓI CORAÇÕES” reforça os efeitos danosos provocados pelo tabagismo que é reiterado, logo em seguida, pelo discurso de alerta: “Escolha a saúde, não o tabaco”.

Na materialidade analisada, assim como na que se analisa posteriormente, o tabagismo é configurado como uma ameaça à saúde, devendo, portanto, ser combatido. Por isso, os cartazes em análise, se instauram no âmbito da prevenção. **É possível observar** uma preocupação de caráter biopolítico, uma vez que a mudança de atitude por parte do sujeito fumante, ao fazer a escolha pela saúde, se configura como uma estratégia que objetiva assegurar a qualidade das funções cardiovasculares.

Para Foucault (1999, p. 128) “o direito que é formulado como de vida e morte é, de fato, o direito de causar a morte ou de deixar viver”. Assim, percebem-se discursos que emergem determinadas modulações biopolíticas a partir de uma tecnologia de governo que recai sobre a objetivação do corpo, com o intuito de inserir o sujeito fumante na lógica biológica do momento presente.

Na segunda materialidade discursiva analisada, o cartaz produzido pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2018), também se refere aos materiais produzidos para a campanha do Dia Mundial Sem Tabaco (Figura 2). Entretanto, a evocação da imagem que aparece como pano de fundo para a enunciação do discurso antitabagista, emerge de um fato concreto. Posto que, traz à tona o invólucro corporal de um sujeito que, pela cicatriz visível do corpo, teria sido vítima dos malefícios provocados pelo fumo.



Figura 2. Cartaz produzido pelo Instituto Nacional do Câncer, 2018.

Fonte: [www.inca.gov.br](http://www.inca.gov.br). 2018.

De acordo com o que se pode notar no cartaz em análise, os discursos desempenham as funcionalidades que sinalizam as representações da produção biopolítica atual. Já que, o biopoder, nas palavras de Foucault (2005, p. 302), “tomou posse da vida [...], que conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o duplo jogo das tecnologias de regulamentação[...]”.

Para tanto, a posição que enuncia sugere que o poder governamental objetivando combater o tabagismo recorre ao discurso estético, ao passo em que constitui o sujeito fumante como um objeto biológico, ou seja, um corpo perecível, passível dos diversos malefícios provocados pelo fumo, inclusive o risco de morte.

Segundo Foucault (1999), vive-se em uma sociedade do governo, regulamentada por

diversas formas de poderes que desempenham os efeitos responsáveis pela normatização, gerenciamento e controle das pessoas. As dimensões do saber-poder circunscritas na dinâmica contemporânea do biopoder, no qual mobilizam a discursivização dos dizeres da sociedade do controle, incidem diretamente na construção do sujeito enquanto gerenciador de si, no gerir a vida, tendo em vista que se interpelam a mobilização dos mecanismos biopolíticos no enfrentamento do tabagismo.

Assim, através dessas novas maneiras de poder, desenvolvem-se dispositivos de controle e regulações interventivas que vislumbram a qualidade de vida de toda a população. Para Hardt e Negri (2002, p. 43), “o poder se torna inteiramente biopolítico, todo o corpo social é abarcado pela máquina do poder e desenvolvido em suas virtualidades”. Depreende-se, com isso, que o gerenciamento da vida insere-se no campo salutar da atuação do funcionamento do poder governamental. Acerca disso, Foucault (2013) evidencia que:

Campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas que vão agir indiretamente sobre ela e que permitirão aumentar, sem que as pessoas se deem conta, a taxa de natalidade, ou dirigir para uma determinada região ou para uma determinada atividade os luxos da população (FOUCAULT, 2013, p.418).

Dessa maneira, o gerenciamento e o controle populacional buscam assegurar a saúde, o bem estar e a longevidade da vida. Para tanto, uma alternativa viável seria a promoção de campanhas governamentais, consoante com as materialidades constitutivas desse estudo. É pos-

sível constatar nas teorizações de Foucault em torno do biopoder e das biopolíticas, reflexões significativas ao debate que envolvem os mecanismos de saber-poder que recobrem a constituição do sujeito da atualidade, bem como os dispositivos biopolíticos de combate ao tabagismo.

Ademais, a institucionalização de medidas legais como, por exemplo, a Lei Antifumo (12.546/2011) e a Política Nacional de Controle ao Tabaco (PNCT) objetivam a governança do controle do tabagismo e a adesão ao cumprimento das medidas e políticas públicas consistentes para essa finalidade. Assim, O biopoder “regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e articulando” (HARDT; NEGRI, 2002, p. 43).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dizeres que discursivizam o tabagismo, bem como, o cuidado com a saúde, funcionam como modulações biopolíticas da atualidade que reforçam a necessidade de combater o tabagismo, na medida em que acentuam os danos provenientes do consumo do tabaco, inserindo-se no âmbito da reflexão e da prevenção. Com isso, esses discursos regulam o que se pode ou não fazer, levando ao funcionamento de uma política da vida, de uma gama de modulações biopolíticas as quais interpelam os sujeitos na rede de relações e estratégias do biopoder.

Compreendem-se a emergência dos discursos que enunciam sobre o tabagismo em meio ao panorama atual, os quais sinalizam para a necessidade de compreensão da problemática sob uma perspectiva plural, o que recobre também os danos de ordem social, política, econômica e ambiental provenientes do tabagismo, configurando como uma

problemática de ordem pública que necessita ser combatida.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: MACHADO, R. (org.). **Microfísica do Poder**. 26ª edição. São Paulo: Graal, 2013, p. 418.

HARDT, M; NEGRI, H. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **INCA: Instituto Nacional de Câncer**. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/publicacoes/cartazes/cartaz-tabaco-e-doencas-cardiovasculares-2018-inca>. Acesso em: 10 de dez. 2018.

ROMERO, L. C. C.; SILVA, V. V. L. 23 Anos de Controle do Tabaco no Brasil: a atualidade do Programa Nacional de Combate ao Fumo de 1988. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 3, p. 305-314. 2011.

Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/659>>. Acesso em: 10 nov. 2019.